

SONS DE OUTONO

FESTIVAL DE MÚSICA DE ALMADA

3 SET, 19h00
Incrível Almadense
BARROCO

Artistas
Real Câmara
- Orquestra Barroca

Soprano
Ana Quintans

Barítono
Hugo Oliveira

Violino Principal e direção
Enrico Onofri



Apoio:
DIRECÇÃO GERAL DAS ARTES

Parceiros:
BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL
BIBLIOTECA DO PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA

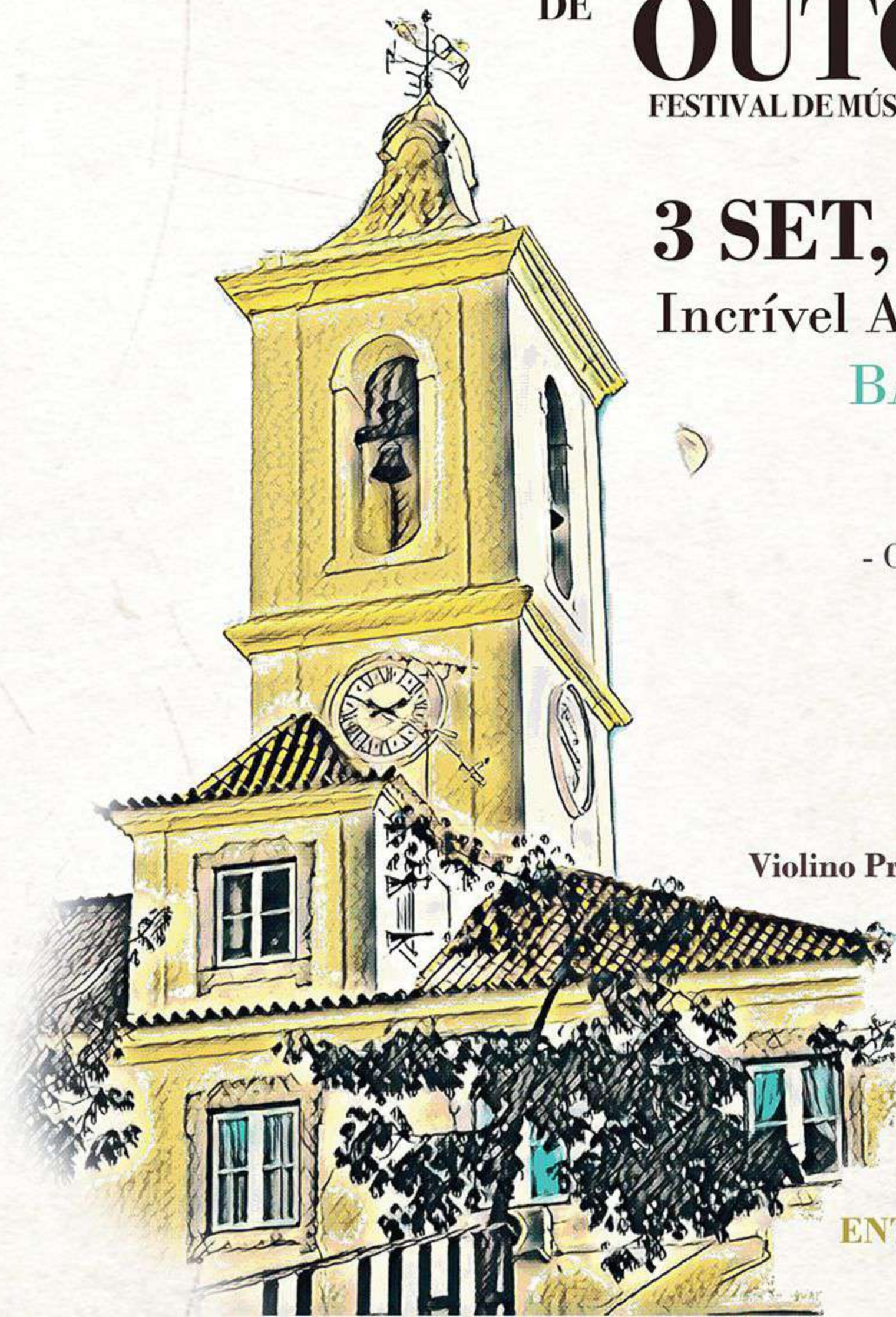
CM-ALMADA.PT

ANTENA 2

Cantabilefest

CMA
CÂMARA
MUNICIPAL
DE ALMADA

ENTRADA LIVRE



LUSITANO IMPERO

Música para a Real Câmara de D. João V

Programa (61 min.)

Violino Solo e Direcção
Enrico Onofri

Soprano
Ana Quintans

Barítono
Hugo Oliveira

Violinos I
Enrico Onofri
Guadalupe del Moral
Lilia Slavny
César Nogueira

Violinos II
Mónika Tóth
Jacek Kurzidlo
Leonor de Lera
Abel Balázs

Violas
Raquel Massadas
Antina Hugosson

Violoncelos
Diana Vinagre
Julien Hainsworth

Fagote
Eyal Streett

Contrabaixo
Marta Vicente

Cravo
Fernando Miguel Jaloto

Pedro Jorge Avondano (1692-ca.1755?)
Divertimento I em dó menor

(1748, Divertimenti a due violini e bassi,
Bayerische Staatsbibliothek – Munique)
Largo – Fuga: Allegro – Largo – Allegro

Rinaldo di Capua (ca.1705 -ca.1780)
Nacqui agli affani in seno

Ária de Emilia do Dramma per Musica Catone in Utica
(1740, Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda – Lisboa)

Giovanni Bononcini (1670-1747)
“Mio sposo t’arresta”

Ária de Tamiri do Dramma per Musica Farnace
(1735, Bibliothèque Nationale de France – Paris)

Pedro Jorge Avondano (1692-ca.1755?)
*Divertimento II em sol maior **

(1747, Divertimenti a due violini e bassi,
Bayerische Staatsbibliothek – Munique)
Andante – Allegro – Andante – Allegro

Francisco António de Almeida (1703-1754)
*Nell’incognito soggiorno **

Ária de Phito do Dramma comico da cantarsi
La Pazienza di Socrate
(1733, Biblioteca Nacional de Portugal – Lisboa)



© Alípio Padilha

Pedro Jorge Avondano (1692-ca.1755?)
*Divertimento VII em dó maior **

(1748, Divertimenti a due violini e bassi,
Bayerische Staatsbibliothek – Munique)
Allegro – Andantino vivace – Allegro

Francisco António de Almeida (1703-1754)
Ogni fronda chè mossa dal vento

Ária de Calipso da Serenata Il Vaticinio di Pallade, e di Mercurio
(1731, Biblioteca Nacional de Portugal – Lisboa)

Francisco António de Almeida (1703-1754)
*Camminante che non cura face amica **

Ária de Alcibiade do Dramma comico da cantarsi La Pazienza di Socrate
(1733, Biblioteca Nacional de Portugal – Lisboa)

Pedro Jorge Avondano (1692-ca.1755?)
*Divertimento IV em ré menor **

(1748, Divertimenti a due violini e bassi,
Bayerische Staatsbibliothek – Munique)
Largo – Allegro – Adagio – [Allegro]

Rinaldo di Capua (ca.1705 -ca.1780)
Tutti nemici e rei, tutti tremar dovete

Ária de Adriano do Dramma per Musica Adriano in Siria
(1758, Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda – Lisboa)

* PRIMEIRA AUDIÇÃO MODERNA

“*Real Cittade, e il nome da Ulisse prenderá, chiara, e famosa;
quivi la maestosa sede del Lusitano Impero!*”

Il Vaticinio di Pallade, e di Mercurio – Palácio Real da Ribeira, Lisboa – 1731

Lisboa no final do século XVII mantinha-se muito afastada da vida cosmopolita das outras capitais europeias, mesmo sendo uma das mais populosas cidades do seu tempo. Será apenas nos reinados de D. João V (rei de 1706 a 1750) e do seu filho D. José I (rei de 1750 a 1777) que Lisboa se transformará progressivamente numa metrópole moderna e desenvolvida. D. João V, todo-poderoso devido à afluência do ouro e dos diamantes do Brasil que encheram os cofres do Palácio da Ribeira, sonha agora com os esplendores da Roma papal e da Versalhes de Luís XIV. Em Lisboa renova-se e aumenta-se o Palácio Real, constrói-se a nova Capela Real, elevada à categoria de Catedral de «Lisboa Ocidental» e Basílica Patriarcal (dignidade apenas comparável no Ocidente a Veneza e à própria Roma), elevam-se palácios e igrejas e não se descaram as obras públicas.

Percebendo a importância da religião na sociedade portuguesa, e apaixonado pelo fausto do cerimonial litúrgico, D. João V interessa-se especialmente pela música sacra. Envia para Roma jovens e talentosos músicos, tais como Francisco António de Almeida (1703-1754), António Teixeira (1707-1774) e João Rodrigues Esteves (ca.1701-1752), para estudarem com os mestres italianos. Nesse tempo, Roma era ainda um dos grandes centros musicais da Europa, graças sobretudo ao mecenato dos cardeais Colonna, Pamphili e Ottoboni, do marquês Ruspoli e da rainha Maria Casimira da Polónia. Todos eles eram membros da celeberrima Accademia dell'Arcadia, tal como o próprio D. João V — que generosamente pagou a edificação da sede da Accademia, o bellissimo Bosco Parrasio — e os embaixadores de Portugal, como o marquês de Fontes.

Por sua vez, a rainha D. Maria Ana de Áustria (regente em 1716 e entre 1742 e 1750, em períodos de doença do seu marido, D. João V) foi a principal responsável pela revitalização da música profana na corte portuguesa, estabelecendo o costume das grandes serenatas de corte aquando das celebrações de aniversários, onomásticos, casamentos e baptizados reais. Instituiu ainda saraus e bailes regulares nos seus aposentos, a que concorria a melhor nobreza nacional e os embaixadores estrangeiros. Sob o seu impulso, mas de forma mais pontual, introduziram-se também na corte os espectáculos operáticos, mas apenas durante o Carnaval, e para um público mais reservado.

Francisco António de Almeida (1703-1754) compôs obras em estilo arcádico, primeiro em Roma para a embaixada portuguesa e, já em Lisboa, as primeiras óperas portuguesas — em língua italiana — e várias serenatas de corte. La Pazienza di Socrate é uma ópera cómica, tal como todas as outras estreadas na corte no tempo de D. João V mas com a prerrogativa de ser a primeira a ser escrita por um português. Foi composta por Almeida sobre um libreto adaptado por Alexandre de Gusmão (1695-1753), secretário pessoal do rei, que havia igualmente vivido em Roma, e uma distinta personagem no meio intelectual e político português. O texto original, usado anteriormente em Viena, foi seguramente importado por ordem da rainha D. Maria Ana que, como se viu, foi a grande impulsionadora das novas formas de entretenimento e sociabilidade introduzidas na corte portuguesa. O programa propõe duas árias desta obra, que infelizmente sobrevive incompleta, não permitindo a sua recuperação integral. De entre as serenatas, destaca-se Il Vaticinio di Pallade, e di Mercurio, cantada no Palácio Real da Ribeira em 1731, e que culmina com louvores a D. João V. Apresenta-se aqui uma ária desta obra — da qual também só sobrevivem extractos.

Os embaixadores do «Fidelíssimo» Rei de Portugal, enquanto principais mecenas romanos, encomendaram, quer para a embaixada em Roma, quer para a Capela Real, saraus e teatros de Lisboa, obras a notáveis compositores, como Gasparini, Porpora, Leo e Alessandro Scarlatti. À própria corte de Lisboa chegaram também vários grandes músicos italianos, contratados pelo Magnânimo. O mais famoso foi, sem dúvida, Domenico Scarlatti (1685-1757), mestre de capela em S. Pedro no Vaticano, e contratado para a corte portuguesa — tal como Giovanni Giorgi (ca.1700-1762), mestre de capela de S. João de Laterão — entre muitos outros músicos afamados. Menos famoso hoje, mas importantíssimo para a história da música portuguesa é Pedro Jorge Avondano (1692-ca.1755?), violinista genovês naturalizado português, que foi o líder da orquestra da Real Câmara no tempo de D. João V, e deu origem a uma brilhante dinastia de compositores e instrumentistas, dos quais se distingue o seu filho, Pedro António Avondano (1714-1782). As obras de Pedro Jorge Avondano foram conhecidas e apreciadas no estrangeiro, sobrevivendo em Dresden alguns trios de cordas, a que se veio juntar uma coleção recentemente descoberta de cativantes divertimentos para cordas, preservados em Munique. Se a maioria destas composições, escrita para dois violinos e baixo contínuo, parece ter sido destinada a uma formação de câmara, já um deles foi claramente composto para orquestra, ao incluir uma parte de viola. Assim, e tomando como exemplo práticas setecentistas bem documentadas, bem como modelos coevos e próximos do contexto musical português — nomeadamente os das sonatas de Corelli e Scarlatti, adaptadas respectivamente por Geminiani e por Avison como concertos orquestrais — realizaram-se transcrições de alguns dos divertimentos de Avondano, permitindo assim, não só a sua primeira apresentação contemporânea, mas também o enriquecimento do repertório orquestral setecentista nacional.

Atraídos por este novo e florescente centro musical, acorreram a Lisboa muitos músicos de grande prestígio internacional, como Gaetano Maria Schiassi (1698-1754), que foi o director do primeiro teatro de ópera público em Lisboa, a Academia da Trindade. Para essa sala, o grande Giovanni Bononcini (1670-1747), rival de Händel em Londres, compôs a sua ópera séria Farnace, estreada no Carnaval de 1735, e da qual se recupera a única ária conhecida que sobreviveu. O napolitano Rinaldo di Capua (ca.1705-ca.1780) foi outro famoso compositor que residiu alguns anos em Lisboa, tendo aqui composto pelo menos três óperas, das quais se conservou Catone in Utica, ainda que incompleta. Foi estreada no Teatro da Rua dos Condes em 1740, e dela recuperamos uma ária, assim como um outro excerto de um dos seus posteriores sucessos, a ópera Adriano in Siria, composta em Roma em 1758. Ambas as partituras se encontram felizmente preservadas na Biblioteca do Palácio da Ajuda, embora a maior parte das obras de todos estes autores tenha desaparecido no malogrado terramoto de 1755 que destruiu quase completamente a cidade de Lisboa.

Graças ao intenso trabalho de investigação levado a cabo nos últimos anos, tem sido possível resgatar alguns verdadeiros tesouros, como os que são agora dados a ouvir, que comprovam a vitalidade da música em Portugal durante o reinado do «Rei Magnânimo».

Fernando Miguel Jalôto

TEXTOS CANTADOS

Tradução Gianluca Miraglia

RINALDO DI CAPUA

Nacqui agli affani in seno

Pietro Metastasio

*Nacqui agli affanni in seno;
ognor così penai;
né vidi un raggio mai
per me sereno in ciel.*

*Sempre un dolor non dura;
ma, quando cangia tempre,
sventura da sventura
si riproduce, e sempre
la nuova è più crudel.*

GIOVANNI BONONCINI

Mio sposo t'arresta

[Antonio Tedeschi?]

*Mio sposo t'arresta
Io vuò nella morte seguirti costante
Già vengo
Mà il piede vacila tremando
Che barbara sorte
Che pena è mai questa
Mi sento morir.*

*Se v'è chi non crede
Al duolo ch'io sento
Che provi un momento
Si fiero martir.*

FRANCISCO ANTÓNIO DE ALMEIDA

Nell'incognito soggiorno

Nicolò Minato / Alexandre de Gusmão

*Nell'incognito soggiorno
Novizietta entra una sposa;
E comincia il primo giorno
Per tristizia, ò malumore
A mostrarsi dispettosa,
Importuna a tutte l'ore,
Fastidiosa d'ogni cosa,
Inventrice di querele,
Verbi grazia, come Amitta.
Se'l marito allor la voce
Alza un poco, ella l'abassa;
Si fa dolce più, che mele;
E s'accommoda, e stà zitta:
E quel giorno dá la norma
Ad ogn'altro che verrá.*

*Mà se l'uom per compiacenza
Vuol condursi in altra forma,
E sfogar quel dì la lassa;
È finita: ella feroce
Cresce ognor l'impertinenza.
Quando poi la contradice,
Peggio assai; che dá in mania,
E suo schiavo vuol, che sia,
E s'è d'uopo, il caccia via:
Ond' avvien, che l'infelice
Per un zero in casa stá.*

FRANCISCO ANTÓNIO DE ALMEIDA

Ogni fronda ch'è mossa dal vento

Anónimo

*Ogni fronda,
Ch'è mossa dal vento
Ogni acento,
Che l'eco risponda,
Mi sgomenta con freddo timor.*

*E se tento con lieto consiglio
Di dar bando al sognato periglio
Più m'opprime l'interno dolor.*

FRANCISCO ANTÓNIO DE ALMEIDA

Camminante, che non cura face amica

Nicolò Minato / Alexandre de Gusmão

*Camminante, che non cura
Face amica, che s'avanza,
Per guidarlo in notte oscura
Frà sentier dubbiosi, e cupi;
Se poi sbalza entro a dirupi,
Solo incolpi la fidanza,
Che lo fá precipitar.*

*Io per té non m'affatico,
Se ti perde la baldanza:
Sol mi spiace, che l'amico
Il tuo error possa oltraggiar.*

RINALDO DI CAPUA

Tutti nemici e rei, tutti tremar dovete

Pietro Metastasio

*Tutti nemici, e rei,
Tutti tremar dovete:
Perfidi, lo sapete,
E m'insultate ancor?*

*Che barbaro governo
Fanno dell'alma mia
Sdegno, rimorso interno,
Amore, e gelosía!
Non ha più Furie Averno,
Per lacerarmi il cor.*

RINALDO DI CAPUA

Nasci no seio das angústias

*Nasci no seio das angústias;
todas as horas assim sofri;
nunca um raio sereno eu vi
para mim no céu.*

*Uma dor não dura sempre;
mas, quando muda de índole,
desventura de desventura
se reproduz, e a nova
é sempre mais cruel.*

GIOVANNI BONONCINI

Meu esposo, pára

*Meu esposo, pára
Eu quero na morte seguir-te constante
Já vou
Mas o pé vacila tremendo
Que sorte bárbara
Que pena é esta
Sinto-me morrer.*

*Se houer quem não acredita
Na dor que eu sinto
Que experimente por um momento
Tão cruel martírio.*

FRANCISCO ANTÓNIO DE ALMEIDA

Na sala de estar desconhecida

*Na sala de estar desconhecida
Noviça entra uma esposa;
E começa no primeiro dia
Por tristeza ou mau humor
A mostrar-se despeitada,
Importuna a toda a hora,
Aborrecida com tudo,
Inventora de quereias,
Por exemplo, como Amitta.
Se o marido, porém, a voz um pouco
Levanta, ela baixa-a;
Torna-se mais doce do que o mel;
Adequa-se, e fica calada:
E esse dia estabelece a norma
Para todos os que se seguirão.*

*Mas se o homem por complacência
Decide comportar-se de outra forma,
E naquele dia a deixa desabafar;
Acabou-se: ela, feroz,
Aumenta cada vez mais a impertinência.
Quando depois a contradiz,
Pior ainda; torna-se maníaca,
E quer que ele seja o seu escravo,
E se for preciso, expulsa-o:
Do que resulta que o infeliz
Em casa é um zero.*

FRANCISCO ANTÓNIO DE ALMEIDA

Cada ramagem que o vento move

*Cada ramagem,
Que o vento move,☒
Cada voz,
Que o eco repete,
Assusta-me com frio temor.*

*E se eu tento com alegre conselho,
Afastar o perigo sonhado
Mais me oprime a dor interior.*

FRANCISCO ANTÓNIO DE ALMEIDA

Caminhante, que não cuida de archote amigo

*Caminhante, que não cuida de
Archote amigo, que avança,
Para guiá-lo na noite escura
Em caminhos incertos, e tenebrosos;
Se depois cai num despenhadeiro,
Só deve culpar a confiança
Que o faz precipitar.*

*Eu por ti não me aflijo,
Se a presunção te arruína:
Só tenho pena, que o amigo
O teu erro possa ultrajar.*

RINALDO DI CAPUA

Todos inimigos, e malvados, todos deveis tremer

*Todos inimigos, e malvados,
Todos deveis tremer:
Traidores, sabei-lo,
E ainda me insultais?*

*Que bárbaro governo
Fazem da minha alma
Desdém, remorso interno,
Amor, e ciúme!
Averno já não tem Fúrias
Para me dilacerar o coração.*